

JOAQUIM SELLÉS PAIS DE VILAS-BOAS  
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

A Etnografia  
e o Doutor José Leite de Vasconcelos



LISBOA - 1943



B)  
9 Vasconcelos, Jos  
IL







Of. de

Mun

**A Etnografia  
e o Doutor José Leite de Vasconcelos**



JOAQUIM SELLÉS PAIS DE VILAS-BOAS  
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

# A Etnografia e o Doutor José Leite de Vasconcelos



2.XII.44  
Barcelone Perm.

LISBOA - 1943

**Separata do Volume VII dos «Trabalhos da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses»**

# A Etnografia

## e o Doutor José Leite de Vasconcelos

DIGNÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE  
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES:  
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

**A**douta Associação dos Arqueólogos Portugueses, num gesto de gentileza imerecida, convidou o sócio mais novo nos anos e no saber, para falar sobre a Etnografia e o Mestre.

Aceitei imediatamente o convite como ordem honrosa de acto de serviço.

Têm V. Ex.<sup>as</sup> o motivo, que justifica a minha presença no uso da palavra.

Aceitei imediatamente o convite não sem sentir sérios embaraços, motivados pela magnificência e vastidão da obra, que me propunham tratar. ;Eu que pouco passei do quarto de século, estudar o labor constante de 83 anos!

A V. Ex.<sup>as</sup> as minhas desculpas, com o pedido de fixação de atenções sobre as palavras do Rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> E. Jalhay — meu antigo professor no colégio de La Guardia, e a quem me ligam sólidos laços de profunda amizade e consideração — e Dr. Pedro Batalha Reis, para assim só levarem da minha pessoa, a recordação de mais um discípulo de tão grande Mestre, que procurou cumprir.

\*

\* \*

Minhas Senhoras e Meus Senhores :

A Associação do Arqueólogos Portugueses resolveu prestar pública homenagem de saúdosa memória ao Mestre insigne, ao trabalhador incansável, ao eminente português, à inteligência fecunda, ao vasto saber do nosso Presidente de Honra, que em vida foi o Doutor José Leite de Vasconcelos.

Resolveu perpetuar — esta que foi Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses — com pública homenagem, a memória do cientista incomparável, que com a mesma profundidade tratava os assuntos mais diversos.

Na Arqueologia e Etnografia, nos estudos filológicos e numismáticos, para o talentoso Mestre não havia lacunas: tudo dissecava cautelosamente.

A sua obra vastíssima em trabalhos, um *mare magnum* de erudição, é profundamente nacionalista em si mesma, é magnificamente séria.

Profundamente nacionalista, pois como nenhuma outra estuda o povo português na sua origem, na sua língua, nos seus costumes, nas suas tradições.

Magnificamente séria, por ser extraordinariamente documentada. Vivendo uma época pouco propícia a trabalhos dêste teor, o Mestre Leite de Vasconcelos alheia-se do ambiente mesquinho que o rodeia e trabalha, — trabalha sempre — até Deus se dignar levá-lo desta querida Pátria portuguesa.

## A ETNOGRAFIA E LEITE DE VASCONCELOS

O termo Etnografia, representativo de uma ciência nova, aparece em escritos portugueses, pela primeira vez em 1815, empregado pelo Visconde da Lapa, num artigo publicado nas *Memórias Económicas da Academia das Ciências*, no seu V volume a páginas 159, com um sentido restrito, ou seja «a raça humana de uma nação e a sua origem».

Desde William Thoms a Adolfo Coelho, de Heilborn ao nosso Herculano vários significados teve este t ermo, tão pequeno em si, de sentido tão lato actualmente.

Hoje — sem necessidade de ir ler um Saintyves ou um Raffaele Corso, para me cingir aos mais modernos — dentro do cultores nacionais desta ciência — e entre êles destaque como astro de primeira grandeza Leite de Vasconcelos — temos defini es que se ajustam plenamente   nossa maneira de ver.

Assim: ao conjunto da Ergografia — estudo da representa o material, concreta, da vida tradicional de um povo — e do Folclore — estudo das manifesta es morais dêsse povo — dá a Ciência, actualmente o nome de Etnografia.

F acilmente ao fazer a análise da defini o de cada uma destas ciências, veremos que se completam: aqui temos os testemunhos morais — o Folclore — ; além os naturais — a Ergografia.

  E êsse conjunto de representa es morais e materiais de um povo, o que   senão a tradi o dêle mesmo?

  O culto da Etnografia, o seu estudo, em que será diferente do estudo, do culto da Tradi o?

Alguém, bem novo ainda, e não há muitos meses, definiu mesmo Etnografia como «a ciência da tradi o». D este conjunto de factos, claros em si mesmos, dêste somatório de ideias,   que eu qualifico a obra em cousa de «profundamente nacionalista».

  Com que juízo crítico, imparcial, Leite de Vasconcelos analisa as defini es!

  Com que raciocínio claro, com que lógica, chega   conclusão da defini o da Ciência!

Páginas de magistral doutrina, descri es feitas por quem t da a vida ensinou: cada frase   um conceito, cada página um dicionário bibliográfico.

Não   inteligência nem cora o capaz de apresentar a defini o moderna sem a deduzir.

A justa auréola que envolvia o seu nome de sábio mestre, seria o bastante para fazer acatar em absoluto o que da sua pena saísse.

*Magister dixit* para  le representava a obriga o imediata do «porquê».

## A SUA MANEIRA DE VER E TRABALHAR

Não tive a felicidade de ser apresentado a Leite de Vasconcelos: por tradição conheço-o e admiro-o —; parece que está vivo! — e, partindo do princípio que uma obra é espelho, é retrato, de quem a fabrica, achei que o meu modesto trabalho ficaria com maior lacuna, se não apresentasse perante V. Ex.<sup>as</sup>, mesmo com descolorido das minhas tintas, o perfil do trabalhador, mais do que isso do batalhador incansável.

Dos terrenos cortados de Trás-os-Montes, província de lendária franqueza, à bela região das amendoeiras, desde o sorridente Minho de desconfiadas gentes às ricas Beiras, Leite de Vasconcelos tudo correu, utilizando os meios da região, e que os fracos recursos materiais permitiam.

Uma ideia superior orientava o Mestre nesse calcurriar de montes e vales: a ideia simples de aprender para ensinar.

Aqui, em qualquer tira de papel, tomava nota de uma prosa ouvida; além, recolhia uma quadra que próximo se cantava.

Inquiria tudo, tudo pretendia colhêr.

Uma excursão de estudo, uns dias de férias, eram para Leite de Vasconcelos um manancial inexgotável de material.

Qualquer cantiga popular, qualquer adágio, o objecto à simples vista mais diminuto, prendia a sua arguta e bem educada atenção.

Por pedido ou por compra, em apontamentos ou caixas, o que via tinha de o acompanhar. Causava espanto, mesmo quando avançado na idade — contaram-mo pessoas que tiveram a honra de o conhecer e acompanhar — como abrangia tudo, e com uma extraordinária meticulosidade anotava as mais pequenas particularidades.

Poderei dizer, sem receio de ofender a sua memória, que saía sempre de casa com o objectivo de fazer qualquer coisa útil, quer salvando uma peça, quer arquivando um costume.

O desejo de ser útil ao bem geral, aos estudiosos, era tão grande que em algumas terras da província se notava contra êle uma certa má vontade, por se verem repentinamente despojados de objectos de que eram possuidores.

Qualquer peça de valor que via — não liguemos ao valor sentido comercial — procurava trazê-la para Belém, e aí se expunha devidamente

estudada. Se o não conseguia por dádiva, procurava meios de o adquirir por compra e não abandonava o proprietário e o objecto desejado, sem o trazer consigo.

Quando as negativas se sucediam, ia mais longe:

— Você não tem o direito de ter esta preciosidade aqui. Eu levo isto para o Museu (Belém), e o seu nome passará à posteridade por benemérito.

Com geral desagrado dos detentores — que só tinham o gôsto avaro de possuir — Leite de Vasconcelos ia enriquecendo o Museu, que tão justamente tem o seu nome, e tanto desgôsto lhe deu: Leite de Vasconcelos ia fazendo uma obra imorredoura.

Pena é que cada distrito não possuísse, ou possuia, uma vontade semelhante, pois assim ter-se-ia evitado o descaminho de muito material, que para prejuízo da Ciência, e estudo do nosso torrão, foi parar às mãos de quem... se limitou a perdê-lo.

A bem ou a mal, tudo colhia, tudo salvava.

Se ia ver um castro romano, não regressava a sua casa, sem vir cheio de apontamentos etnográficos. Os seus conhecimentos eram tão profundos, tão bem formados e sòlidamente construídos que para Leite de Vasconcelos havia valor nas mais diminutas manifestações; valor êsse que justificava uma notícia ou artigo, que melhor seria chamar lição.

Actuava com tal tacto, encaminhava as conversas para o assunto que pretendia estudar ou colhêr, torcia a conversa até aprender dos usos e costumes, das lendas, do fim de certos prestos agrícolas com tal habilidade e intelligência, que por certo nunca teria sentido as dificuldades naturais em qualquer principiante nesta difícil ciência, em que a colheita é directa, tem de ser feita *in situ*. Quem se tenha dedicado ao estudo de qualquer manifestação ergológica ou folclórica, sem possuir os dons naturais precisos — que o Mestre de sobejo tinha — terá notado que no princípio se sente um tremendo vazio.

Tive grandes momentos de desalento — creiam V. Ex.<sup>as</sup> — quando, ao pretender estudar na minha terra uma indústria popular, que o mau gôsto moderno abastardava, em dias consecutivos de conversa não trazia para casa de meus Pais coisa diversa do pó das estradas e uma vontade firme de vencer.

Falava a um e a outros, procurando-os na hora de trabalho; ofere-

cia cigarros aos mais velhos; aos chefes de família estendia amigavelmente a mão — é êste o velho costume minhoto —; tirava fotografias ao mesmo tempo que encaminhava a conversa.

As esquivas eram nítidas, e às minhas perguntas principiavam as respostas monossilábicas.

Só tarde, mais tarde, depois de saberem quem eu era e o fim que ali me levava, é que adquiri o material e informes de que carecia.

Posso, assim, justamente avaliar do esforço de Leite de Vasconcelos, dos seus predicados naturais, ao recordar que quando principiou a trabalhar nesta ciência, ser arqueólogo ou etnógrafo eram sinónimos de insuficiente cerebral.

O Doutor José Leite de Vasconcelos trabalhou sempre, nunca perdeu a oportunidade de colhêr elementos, nunca desperdiçou uma frase estropiada.

A sua maneira de trabalhar era simples.

A sua maneira de ser, minhas Senhoras e meus Senhores, descrevê-la-ei na grandeza de um simples postal que do Mestre guardo.

Em 1938 fazia em carta a Leite de Vasconcelos uma pequena pergunta.

Passado tempo recebia um postal de miúdinha letra — perto de 80 anos — em que me respondia com a clareza que lhe era peculiar, e me incitava a continuar dizendo-me:

«Somos tão poucos a trabalhar nesta imensa seara!»

O Doutor José Leite de Vasconcelos, por certo, nem de nome me conhecia.

Assim era a sua maneira de ser.

## A SUA OBRA

Médico distinto, de uma cultura quási enciclopédica, o Doutor José Leite de Vasconcelos, com aptidões excepcionais de trabalho, estudava o povo português sob todos os aspectos.

Um homem superior só podia ficar satisfeito com um trabalho completo.

¿ Mas seria a sua consciência intelectual, e só ela, que o levou a tão completos estudos?

As palavras do distinto etnógrafo, glória de Portugal, a quem com a *Revista Lusitana* cabem as honras de fundador de uma Escola, melhor que quaisquer outras nos mostram como se fêz cultor desta ciência.

A páginas 12 da sua monumental *Etnografia Portuguesa — Tentame de Sistematização* volume I, de 1933, diz:

«...A Etnografia, aplicada ao passado, fica sendo nesse caso Arqueologia...»

Vejam V. Ex.<sup>as</sup> que síntese primorosa de um pensamento, que ideia clara de uma definição. Emquanto estudava as nossas origens, e as suas múltiplas manifestações através das épocas, natural e insensivelmente veio até aos nossos dias. Era arqueólogo, e como consequência lógica da meticulosidade dos seus estudos tinha de ser etnógrafo.

Mais adiante, diz o chorado Mestre:

«...como entre as ciências não podem freqüentemente estabelecer-se distinções terminantes acontece haver assuntos... que tanto pertencem ao Folclore como à Ergologia.»

Pela análise da sua frase, creio bem e sem juízo de errar ao fazer tal afirmação, que essa dependência comum o Mestre a encontrou — por lógica dedução — entre outras ciências.

Sem desviar o seu pensamento, nem me afastar da sua grande obra, antes metendo-me perfeitamente na sua análise, eu julgo poder afirmar que há pontos comuns às ciências Arqueologia — Ergologia e Filologia — Folclore.

Leite de Vasconcelos não o afirma, mas a cada passo a sua obra o demonstra.

Não me proponho, descansem V. Ex.<sup>as</sup>, analisar cada trabalho de per si.

Em primeiro lugar não me incumbiram de aborrecer quem veio mais que por mim pelas magistrais lições dos Rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay e Dr. Pedro Batalha Reis; depois, mesmo que o pretendesse, o assunto é tão vasto e tão fracas são as minhas fôrças!

\*  
\*       \*  
\*

Analisar uma obra é sempre tarefa dura, especialmente ao tratar-se d'êste caso, em que não só a auréola que envolvia o autor, como a obra em si, sentiram abertas as portas de tôdas as academias científicas, nacionais e estrangeiras com geral aplauso.

Analisar uma obra — e só pretendo glorificá-la — é mais que tudo, e antes de qualquer outro facto, vê-la na época em que se formou.

Assim analisar uma obra, criticá-la, seja esta destrutiva ou não, como na presente, vendo-a isolada é cair em êrro grave.

Para uma solução inteligente, de conclusões concretas e indestrutíveis, devemos acompanhar a questão recordando sempre:

a) O ambiente que rodeava o autor ao formar a sua obra.

b) Se atingiu ou não o fim desejado, e só no fim de fazer o nosso juízo crítico sôbre estes pontos, podemos entrar tranqüilos na precepção da obra em si.

Ràpidamente, lancemos os olhos sôbre o panorama português de então — depois de 1857.

Lutas de partidos — tantos como as lutas — choque de ambições desmedidas, demagogia; o timbre usado era a falta de carácter, as ideias em marcha eram maldita exportação.

Neste entrechocar de vaidades, nasceu, cresceu e formou-se o Doutor José Leite de Vasconcelos. Por certo estava destinado a ser grande.

Rodeado por meia dúzia, viveu num país de tal nível, que o nosso Estácio da Veiga, no final do seu IV volume das *Antiguidades Monumentais do Algarve*, deplora, dizendo:

«...se é que a êste país cabe ainda fundada esperança de se poder engrandecer pela Ciência...»

Tracemos agora um paralelo — seja-me permitida a figura — para o Doutor José Leite de Vasconcelos na relação homem — meio ambiente e concluirei:

Por ter nascido em época de crise científica nacional, Leite de Vasconcelos, tendo conseguido em anos de labuta constante, deixar a extraordinária obra que se lhe admira e louva, foi incomparavelmente grande pela altura a que subiu, foi magnificamente magnânimo pelos frutos que espalhou.

\*  
\*      \*

Depois de, com tintas esbatidas, mas creio que com verdade, ter passado os olhos sôbre o panorama do seu tempo, e de ter podido concluir, sem ideias pre-concebidas que êsse facto só dignificou a sua obra, passemos a analisar os seus trabalhos etnográficos.

Enumerarei a V. Ex.<sup>as</sup> os principais, pois lembrar a vasta bibliografia de quem tantos anos trabalhou, seria penoso para quem me tivesse de ouvir. Sem distinção de data de aparecimento — Leite de Vasconcelos sempre incutiu um nível intelectual superior aos seus trabalhos — mas principiando pelos de maior tômo, temos:

— *Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização* de que saíram os dois primeiros volumes.

— *Ensaaios etnográficos* em quatro volumes, dois dos quais esgotados, e que há anos vi nas mãos do já falecido Silva Vieira, em Espozende, ampliados e corrigidos pelo autor para serem reeditados.

— *Boletim de Etnografia*, em forma de revista, mas colaborado só pelo director.

— *A barba em Portugal.*

— *A figa.*

— *Estudo etnográfico a-propósito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois das províncias portuguesas do Douro e Minho.*

— *Signum salomonis.*

— *Tradições populares de Portugal.*

— *Sur les amulettes portugaises.*

— *Poesia amorosa do povo português.*

— *Literatura dos contos populares e adivinhas,*

para não alongar mais, a que seria interminável lista, pois não podemos esquecer, que muitos dos seus trabalhos, das suas excursões, viagens arqueológicas o eram também etnográficas, como se vê em:

— *De Campolide a Melrose.*

— *De Terra em Terra.*

*Excursão alentejana.*

Assiduamente colaborou na:

— *Revista Lusitana*, por êle fundada.

— *Anuário das Tradições Populares.*

— *Portucale.*

— *Revista do Minho,*

não falando em muitas mais nacionais e estrangeiras, nem em jornais da capital, ou província.

Deve ser o cientista que até hoje mais rica bibliografia possui, e bem haja pois a muitos ensinou, enriquecendo extraordinariamente os nossos pobres conhecimentos etnográficos.

\*

\*

\*

A obra do Dr. José Leite de Vasconcelos, no campo da Etnografia é, como V. Ex.<sup>as</sup> vêm, única no país, e creio até que difficilmente teremos a felicidade de possuir um elemento capaz de trabalhar com semelhante erudição.

Se analisar a sua obra é compará-la a outras, que decepção flagrante temos com as últimas, que desgosto profundo com as nossas, que não estudam mas colhem, que não ensinam mas transmitem.

Passa-me casualmente pela lembrança, por mais próximo, o meu conterrâneo ilustre P.<sup>o</sup> Gomes Pereira, nome sobejamente conhecido dos cultores da Etnografia.

Que diferença entre um e outro, e... não podemos esquecer que o minhoto ilustre foi um distinto etnógrafo.

A maior parte dos apaixonados por esta ciência — tanto de hoje como de ontem — limitam-se a reproduzir o que viram ou ouviram.

Leite de Vasconcelos não podia proceder de igual forma: os seus conhecimentos eram tais, que lhe permitiam cultivar a Etnografia na verdadeira aceção do termo.

Tinha condições, como ninguém, para isso.

Não pensemos, e muito menos desejemos, que só depois de se possuir um nível de cultura semelhante à do Mestre, nos devemos abalancar a estes estudos. Se assim fôsse, se só pudéssemos prestar serviços ao estudo do povo português no seu estado actual depois de possuir profundos conhecimentos de Filologia e Arqueologia ; a que nível, em que plano estariam os conhecimentos do *modus vivendi* do nosso povo ?

A obra de Leite de Vasconcelos é única nas minúcias a que chega.

São, não o podemos esquecer, os seus conhecimentos a aflorar, mais talvez a vincar, a imprimir um carácter especial, único, e o mais completo de todos, à sua obra.

Tão facilmente o vemos!

Para me não alongar demasiadamente em considerações procurarei confirmar a minha afirmação, parafraseando o homenageado, colhendo aqui e além, na sua magnífica obra, provas evidentes de que não erro ao afirmar que para êle — e para nós por êle — Etnografia é Arqueologia no estado actual das coisas e das gentes.

A páginas 64 do seu trabalho *De Campolide a Melrose* — edição da I. N. e saído em 1915 — interroga o autor:

«¿E que são as choças e barracas dos nossos meloais, e das nossas eiras, hortas e vinhas, senão supervivências do passado, ou melhor, exemplos vivos e eloqüentes de como umas mesmas condições mesológicas podem produzir em regiões e épocas afastadas umas das outras resultados idênticos ente si?»

E mais adiante:

«Para quem deseje conhecer as circunstâncias em que viveu o homem pre-histórico, o estudo da Etnografia... é do maior alcance.»

Se não bastassem estas frases do autor, poderíamos recordar que para as suas obras:

*Estudo etnográfico a-propósito dos jugos e cangas dos bois das províncias do Douro e Minho, A figa, o Signum Salomonis* e outros, deitou largamente mão dos seus conhecimentos arqueológicos.

Aqui uma comparação, acolá uma supervivência, além recomenda um trabalho ou estampa que nos representa um objecto semelhante, de época muito anterior.

Assim como nestes estudos o Mestre se serve dos seus conhecimentos arqueológicos — talvez como fonte auxiliar — nas suas notícias folclóricas a cada passo se serve dos seus conhecimentos filológicos.

¿E por que não, se os possuía em tão grande amplitude, e na frase do distintíssimo etnografo Dr. Augusto Pires de Lima:

«Uma palavra é muitas vezes o fio que nos conduz à descoberta de

um costume de outras eras, e até nos leva a deslindar um conhecimento histórico dos mais transcendentés?

Filólogo e arqueólogo distinto, entraria na Ergologia e no Folclore: seria etnógrafo.

\*

\*

\*

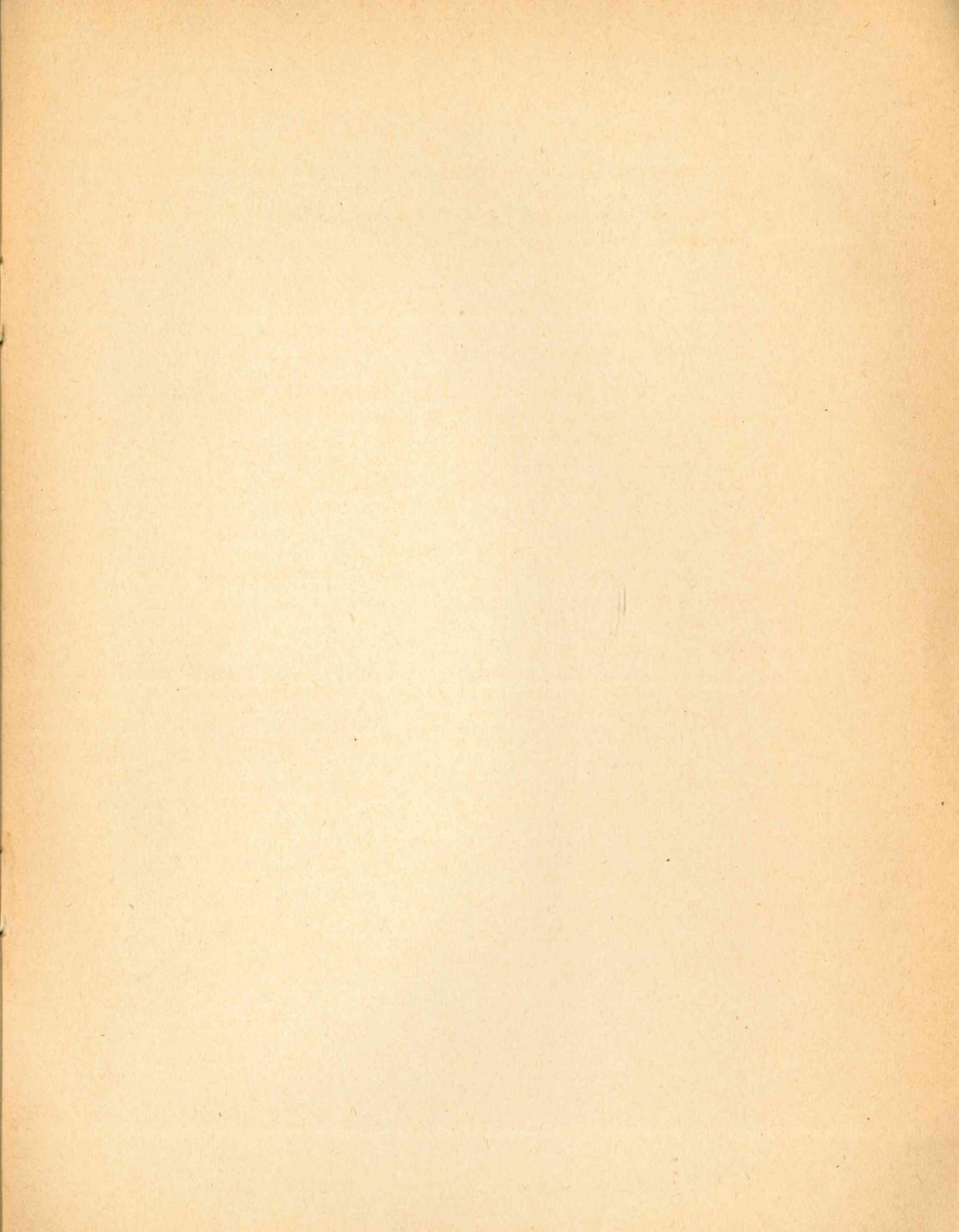
Minhas Senhoras e meus Senhores:

As palavras do Rev.º P.º Eugénio Jalhay e Dr. Pedro Batalha Reis, os ensinamentos de ambos, farão o que, mais que o tempo, a minha falta de competência me não permitiu fazer.

As minhas desculpas e os meus agradecimentos. Salvarão as dificuldades do meu modesto trabalho, a intenção com que analisei a obra etnográfica do Doutor José Leite de Vasconcelos, que, como ninguém, poderia dizer:

*Homo sum: humani nihil a me alienum futo.*

«Sou homem: e nada do que diz respeito à humanidade julgo estranho a mim.»







biblioteca  
municipal  
barcelos



4445

A Etnografia e o Doutor José  
Leite de Vasconcelos